

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 14  
Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 RÉIS

1.º Anno

## PARA PEIOR

A decadencia portugueza accentua-se cada vez mais. Pretendem alguns que haja symptomas de regeneração. Eu não os vejo, e sou dos que procuram e observam mais. Encontro tudo cada vez peor. Os novos são torpes, pelo menos, e tão abjectos como os velhos.

Uma coisa sobreleva: a falta de brio, a falta de consciencia, a falta de caracter. De baixo a cima e de cima abaixo é a mandrice, o relaxamento, a inhabilidade, a ausencia d'escrupulos em tudo e por tudo.

Trabalham homens no campo. Não sabem trabalhar; e, para cumulo de desastre, o pouco que sabem é inutilizado por uma mandrice systematica, ignobil, reles. A primeira coisa que aprende um d'esses trabalhadores é a maneira de enganar o proprietario. Se este está presente, de frente, olhando para elle, o trabalhador finge que trabalha. Se o proprietario volta as costas, a enxada para logo, de todo, sem mais fingimentos nem imposturas, então.

Eusina-se aquillo desde pequenino; é o a b c da mandrice; considera-se digno e correcto.

O trabalhador das cidades é como o trabalhador dos campos.

O burocrata, civil ou militar, esse é peor, esse refina. É a ultima palavra da mandrice.

Os profissionaes, das chamadas profissões liberaes, acompanham os trabalhadores dos campos, os operarios das cidades, os empregados civis e militares na burla miseravel que todos commettem.

O medico, o advogado, o engenheiro não procuram, antes de tudo, saber do seu officio. Só assim seriam dignos. Não. Procuram só ganhar dinheiro, governar a vida. Estar apto a exercer as suas funcções é o menos para qualquer d'esses profissionaes. Saber pouco importa. Renda a profissão, e é tudo.

A indignidade do profissional, que não procura, primeiro que tudo, saber para ser activo, talvez que vem da consciencia do proprio merito e da propria utilidade, é a indignidade com que os altos poderes do estado desprezam as habilitações para só atender ao empenho pessoal. Ha um concurso. É indispensavel contar já com o facciosismo do jury. Os governos completam a obra: o nomeado não é o primeiro classificado, mas o primeiro recommendado. Isto vê-se a cada instante.

Roubar é, pois, a condição primeira da vida portugueza. E não só roubar como rouba o trabalhador, o operario, o burocrata a quem pagam para trabalhar e que não trabalham; não já como rouba o medico, o advogado, o engenheiro, a quem pagam por suporem que elles sabem do seu officio e que não sabem nada; mas roubar á má cara, no sentido lato da palavra ladroeira.

O negociante já não vende só gato por lebre; defrauda-nos nos pesos, nas medidas, de todas as formas e feitios, se póde. Rouba á fazenda publica e isto é virtude para todos. Roubar o estado é uma obra de benemerencia em Portugal. Roubam os ministros, roubam os delegados dos ministros, roubam os proprietarios, roubam os proletarios, roubam os negociantes, roubam os consumidores, roubam todos.

Ora um paiz em que o roubo é o unico objectivo, o unico ideal de governo, póde lá progredir? O unico objectivo, sim. Não ha exaggero algum n'esta affirmacão. O operario, o trabalhador dos campos, o funcionario civil, o militar, os profissionaes de todas as especies, começando por ignorar os seus misteres e as suas profissões, porque as ignoram geralmente, e acabando pelo systema de não se cançarem e de não se ralarem, deixando correr tudo á matroca, abandonando os interesses publicos, não fazem outra coisa senão commetter um roubo

na acceção litteral da palavra.

O unico objectivo da vida portugueza, o nosso unico ideal de nação é viver sem canceiras de qualidade alguma. Não ha iniciativa porque para a iniciativa é indispensavel um esforço intellectual, moral ou material, ou os tres juntos. Não ha zelo porque para haver zelo é preciso, pelo menos, dar passadas, e o povo portuguez não dá passadas por dever, mas por prazer.

A ignorancia é profunda porque para saber é preciso estudar e estudar queima pestanas e aquece miolo. Ora quem não faz esforços, nem dá passadas, nem queima pestanas, nem aquece miolos e vive, não ganha o seu alimento e a camisa que veste, rouba-os, e não os rouba de bacamarte em punho, que seria uma infamia com alguma nobreza, mette as mãos nas algibeiras dos outros, que é a mais abjecta e a mais vergonhosa das ladroerias conhecidas.

E isto é assim. Não ha quem o diga, mas é assim. Ha excepções. Poderá! Mas, sejamos francos, tenhamos a coragem da verdade, a regra geral é essa que indicámos.

E um povo assim é um povo abjecto, que só ha de praticar e soffrer abjecções.

E um povo assim é um povo que morre, que ha de fatalmente morrer.

## Agradecimento

Francisco de Castro Mattoso da Silva Côte Real, agradece por este meio, visto não o poder fazer pessoalmente, como desejava, a todos os cavalheiros que o honraram com as suas visitas durante o tempo que esteve na sua casa da Oliveirinha, e a todos offerece os seus serviços em Lisboa.

## A TROVOADA

Foi medonha a trovoada que sobre nós se desencadeou pelas 7 horas da noite da passada terça-feira. Os relampagos fuzila-

vam de todos os lados, abrindo no firmamento sulcos caprichosos de fogo intensissimo que illuminava o espaço a curtos intervallos.

Ha muito tempo que se nos não offerecia um espectáculo tão magestoso como este.

O estalar secco e eminente das descargas seguido do fuzilar quasi simultaneo do relampago que ora rompia em zig-zags pelos espaços deixados em aberto pelas nuvens, ora illuminava as proprias nuvens com a sua luz umas vezes azulada, outras d'um amarello intenso,—dava ao firmamento um aspecto verdadeiramente phantastico.

A chuva foi, por vezes, consideravel.

Se este espectáculo, em lugar de se dar na noite de 14, tivesse occorrido na noite de 13, quaes teriam sido as suas consequencias para aquelles cujo espirito andava obsecado pela ideia assustadora do tão falado Cometa?

A morte pelo susto, a loucura, o suicidio mesmo?

Tudo era possivel, attenta a superstição de muitos e a organisação hystérica d'alguns.

E nem tanto mesmo foi preciso para motivar os casos succedidos lá fóra e que os jornaes teem relatado. Bastou simplesmente a má interpretação do phenomeno annunciado pelo professor Falb e que a imprensa apresada e inscientemente se apressou a espalhar, para que muitos se suicidassem e outros enlouquecessem.

O que não teria, pois, succedido, se a trovoada rebentasse no dia 13?

## Sindicato agricola

Sob a presidencia do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, reúne no proximo dia 26 do corrente, pelas 12 horas da manhã, nos Salões do Gymnasio Aveirense, esta importante associação districtal, que tem feito n'estes ultimos tempos incontestaveis beneficios á agricultura, e que por isso é merecedora de todos os applausos. Adiante vá o aviso.

## JUSTIÇA DE CAFRES

Escreve-nos um amigo, que chegou agora a Lisboa de uma grande viagem pelo mundo, que encontrou na Zululandia uma justiça de cafres digna de menção.

Promette escrever-nos alguma coisa a esse respeito, que nós com prazer accitaremos e publicaremos.

Diz-nos, porém, desde já que se dão por lá casos como estes:

Um sujeito roubou outro. O roubado deu parte á justiça. E a justiça dos cafres... moita.

Segundo sujeito roubou o mesmo roubado. Roubado tornou a dar parte á policia. (1) Policia prendeu ladrão e entregou ladrão á justiça dos cafres, mas justiça dos cafres soltou ladrão dos dias depois e ladrão, que ficou á solta, continuou a ladroar todo o mundo.

Justiça de cafres que é peor que justiça de moiro!

Arre... Ha na Zululandia um homem pequenino, que ensina o velhote do juiz, e a familia, a montar instrumentos. Em paga, o velhote do juiz, que é muito bruto, faz ao pequenino tudo quanto o pequenino quer.

Arre... O pequenino é tão imbecil que se conta do sogro que disse-ra á filha: «Casa com um sapateiro e eu consinto. Mas que seja um homem. Se casares com aquelle badameca, eu rompo contigo para sempre.»

A filha casou e o sogro rompeu com a filha para sempre.

Safa... Pois bruto juiz dá sentenças a mando de imbecil pequenino e em paga do ensino de mentar instrumentos.

Arre, arre, arre... Isto só na Zululandia.

Ao pé d'isto Portugal é um brinco.

E ainda ha quem diga mal da justiça portugueza!

(1) Na Zululandia ha policia.

(14) FOLHETIM

## IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO VI

— Possam as rodas dos seus carros, disse o judeu, quebrar-se como as do exercito de Pharão, para que andem vagarosamente! Mas não me abandoneis, bom peregrino. Pensa, n'aquelle altivo e selvagem templario, com os seus escravos sarracenos; elles não olharam nem ao territorio, nem ao solar, nem ao senhor.

— Temos de nos separar aqui, disse oromeiro; porque não convém que pessoas do meu caracter

e do teu viagem juntas por mais tempo do que a necessidade o exige. E de mais, como poderia um pacifico peregrino proteger-te contra dois pagãos armados?

— Oh! excellente mancebo, exclamou o judeu, tu não podes defender-me e eu sei que querias faz-lo. Pobre como sou, quero recomendar-te— não com dinheiro, assim me ajude o meu paes Abraham! é coisa que não tenho... mas...

— Dinheiro e recompensa, disse o peregrino, interrompendo-o, eu já te disse que não quero uma coisa nem outra. Mas guiar-te-hei; e, se puder, defender-te-hei também; porque defender um judeu contra um sarraceno não póde ser censurado por um christão. Portanto, judeu, eu deixar-te-hei em segurança sob uma escolta conve-

niente. Nós já não estamos longe da cidade de Sheffield, onde tu encontrarás facilmente muitos da tua tribu que te dêem asylo.

— A benção de Jacob desça sobre si, bom mancebo! exclamou o judeu; em Sheffield eu posso alogar-me em casa do meu parente Zareth, que me fornecerá os meios de continuar a minha jornada sem perigo.

— Seja assim, disse oromeiro. Em Sheffield separar-nos-hemos; d'aqui a meia hora de caminho estaremos á vista d'essa cidade.

Essa meia hora decorreu n'um silencio completo da parte de um e outro; o peregrino desdenhando talvez falar ao judeu, excepto em caso de absoluta necessidade, e o judeu não osando conversar com um homem a cujo caracter a sua viagem á Terra Santa dava uma

especie de santidade. Pararam no alto de uma collina suavemente reclinada, e o peregrino, apontando para a cidade de Sheffield, que se estendia abaixo d'elles, repetiu as palavras:

— Separemo-nos aqui.

— Não sem terdes recebido os agradecimentos do pobre judeu, disse Isaac, porque eu não ousou pedir-vos para virdes conmigo para casa do meu parente Zareth, que me podia auxiliar com alguns meios de vos recompensar os vossos bons serviços.

— Eu já te disse, respondeu o peregrino, que não desejo recompensa. Se entre a comprida lista dos teus devedores quizeres, em attenção a mim, poupar os ferros e a prisão a algum desgraçado christão que esteja no mesmo perigo

que tu, eu considerarei o serviço d'esta manhã por bem pago.

— Espera, espera, exclamou o judeu segurando o pela orla do manto, eu queria fazer alguma coisa mais, alguma coisa em teu proveito. Deus sabe que Isaac é pobre... sim, Isaac é o mendigo da sua tribu... mas perdôas-me se eu advinhar o que te faz mais falta n'este momento?

— Ainda que advinhasses, respondeu oromeiro, é coisa que não está ao teu alcance, mesmo que fosses tão rico como pretendes ser pobre.

— Como pretendo! repetiu o judeu. Oh! acredita-me, eu não disse senão a verdade; eu sou um homem saqueado, endividado, reduzido á miseria. Mãos cruéis extorquiram-me as minhas mercadorias, o meu dinheiro, os meus navios,



Mas o nosso amigo promettemos coisas verdadeiramente phantasticas.

Olhe, mais phantasticas que o janota que se sentava no meio da rua central do jardim d'Aveiro e que o *pilrito* que dava ordem á filha para conter o *groom* á distancia da etiqueta e do respeito, não ha.

Mas diga sempre, para alegrar e variar.

Diga sempre, que nós, para essas coisas somos *d'uma canna*.

Mas é preciso que seja *d'escacha com uma ucha*.

Diga, diga.

### Fallecimento

Falleceu terça-feira, n'esta cidade, um filhinho do sr. Carlos Gamellas, habil artista de serralharia. A infeliz creança, a quem uma doença horrivel prostrou no leito para não mais se levantar, era o enlevo de seus paes e a alegria do lar.

Sentimos.

## A PROPOSITO DO PADRE

Continuaremos demonstrando, com a auctoridade scientifica das maiores capacidades do mundo, que o christianismo foi uma imitação grosseira de todos os cultos e religiões antigas, das quaes copiou o mais reles, o peor.

John William Draper, professor na Universidade de New-York, diz a pag. 35, 36 e 37 do seu famoso livro *Los Conflits de la Science et de la Religion*:

«A medida que decorriam os annos mudava-se em outra a fé descrita por Tertulliano, mais carregada de enfeites mas menos pura. *Fundia-se com a velha mythologia grega. O Olympo reformava-se mudando os deuses apenas de nome.* As provincias, que dispunham da maior influencia no Estado, chegaram a fazer admitir os seus velhos mythos consagrados. Começou-se a conceber a trindade d'uma maneira conforme com as tradições do Egypto. Não só o culto de Isis foi restabelecido com um novo nome mas a sua propria imagem reapareceu, em pé sobre o crescente da lua. A figura bem conhecida d'esta divindade, tendo nos braços a creança Orus, chegou até nós nas bellas creações artisticas da *Madona* e do *Bambin*. Estes regressos ás concepções antigas sob formas novas eram acolhidos por toda a parte com exito. Quando se annunciou aos ephesianos que o concilio reunido na sua cidade havia decretado que a Virgem usasse o titulo de Mãe de Deus, abraçavam os joelhos dos bispos com lagrimas de alegria. Era o velho homem que reaparecia. Os seus antepassados fariam o mesmo por Diana.

Estes esforços para conciliar convertidos ainda profanos, adoptando-lhes as idéas e as praticas, não deixaram de provocar censuras da parte d'aquelles que percebiam o verdadeiro motivo de tal conducta. «Substituístes, dizia Fantus a Agostinho, os vossos agapes pelos sacrificios dos pa-

gãos; pelos seus idolos os vossos martyres, aos quaes prestaes as mesmas honras. Apasiguaes as sombras dos mortos com vinho e banquetes. Celebraes as festas sollemnes dos gentios, as suas calendas, os seus solsticios e conservaes os seus costumes em toda a sua pureza. *Nada vos separa dos pagãos. Os ritos pagãos andavam, com effeito, associados a tudo.* Nos casamentos, cantavam-se hymnos a Venus. *Toda a pompa pagã foi parar ao christianismo: um ritual pomposo, capas magnificas, a mitra, a tiara, os cirios, as procissões, as lustrações, vasos d'ouro e prata.* Tudo isto a Igreja admitiu. O cajado dos áugures tornou-se o baculo episcopal; edificaram-se igrejas sobre o tumulo dos martyres e consagraram-n'as com ritos imitados dos pontifices de Roma. As festas e as commemorações dos santos multiplicaram-se com as pretendidas descobertas de reliquias. O jejum tornou-se o grande meio de expulsar o demonio e de apasiguar a colera de Deus. O celibato foi erigido em virtude de primeira ordem. Fizeram-se romarias á Palestina e ao tumulo dos martyres. Trouxeram quantidades de poeira e de terra dos Logares Santos e venderam-n'as a preços enormes como antidotos contra o démo. Gabou-se a virtude da agua benta. Introduziram-se nas igrejas imagens e reliquias ás quaes se renderam culto, como faziam os pagãos. Pretendeu-se, como estes tinham pretendido, que em certos logares se realisavam prodigios e milagres. Invoçou-se as almas dos bem aventurados e acreditou-se que ellas vagueavam na terra e particularmente em volta dos tumulos. Multiplicaram-se os templos, os altares, os habitos dos penitentes. Inventou-se a festa da Purificação da Virgem, para satisfazer aquelles que tinham saudades das Lupercaes ou festas de Pan. Foi consagrado o culto, *verdadeiro culto fetichista*, das imagens, da vera-cruz, dos ossos, dos pregos e d'outras reliquias. Chegou-se até venerar os velhos vestidos dos santos e a terra dos seus tumulos. Trouxe-se da Palestina os esqueletos de S. Marcos, de S. Thiago e d'outros personagens illustres pela sua santidade. A *canonisação substituiu a apothese; os santos patronos succederam ás divindades tutelares.* Depois, veio o mysterio da transsubstanciação, a mudança do pão e do vinho, pelo padre, no corpo e no sangue de Jesus Christo. *A medida que o tempo decorria a paganisação tornava-se cada vez mais completa.* Instituiram-se festas em honra dos pregos que pregaram Christo á cruz, da lança que o tinha atravessado no lado, dos espinhos com que lhe tinham coroado a cabeça. Ainda que muitas abbasidias possuíssem ao mesmo tempo esta ultima insignia, ninguem ousou levantar-se contra a sua authenticidade.

O proprio bispo Newton dizia: «*Os christãos divinizarão homens, tal e qual como os pagãos. Os creadores do novo culto sabiam bem que este era o mesmo que o antigo e não só no fundo mas também nas ceremonias, que eram identicas.* Os incensos e os perfumes, que ardem nos altares; a agua benta, isto é, a agua e o sal aspergidos quando se entra e sahe das igrejas; as velas e as lampadas accesas em pleno dia deante das estatuas d'essas divindades; os votos e promessas suspensas nos templos, em si-

gnal de libertação e cura milagre a; a canonisação ou divinisação dos virtuosos; os patronos particulares attribuidos aos santos como aos antigos heroes; o culto prestado aos mortos nos seus tumulos e nichos; as genuflexões deante das imagens; o poder milagroso attribuido aos idolos; a erecção dos pequenos oratorios, altares e estatuas nas ruas, na via publica e no alto das montanhas; o porte de imagens e reliquias nas procissões, com velas, musica e cantos; as flagellações em certas epochas do anno como penitencia; a tonsura dos padres no alto da cabeça; o celibato e os votos de castidade impostos aos religiosos dos dois sexos; *todas estas coisas e muitas outras pertencem tanto á superstição pagã como á superstição papista. Mais, os mesmos templos, as mesmas imagens que eram outr'ora consagradas a Jupiter e aos deuses são-o hoje á Virgem Maria e aos Santos; os mesmos ritos, as mesmas inscripções servem para uns e para outros; os mesmos prodigios, os mesmos milagres são attribuidos a uns e a outros.* Emfim, o paganismo inteiro tornou-se papismo.

O ultimo é construido segundo o mesmo plano que o primeiro, de modo que não ha só conformidade, mas identidade, entre o culto antigo e o moderno, pagão e christão de Roma.» Assim se exprime o bispo Newton.

Jules Vinson, professor, na Escola Nacional de Paris, de linguas orientaes vivas, dos mais celebres orientalistas, que foi estudar as religiões orientaes nos proprios documentos e monumentos da India, está de pleno accordo, no seu já citado livro *Les Religions Actuelles*, não só com Letourneau mas ainda com Draper.

Diz elle a pag. 428, 429, 430, 431 e seguintes:

«Mas ao mesmo tempo que o monachismo se desenvolvia no christianismo nascente, continuava a copia das velhas instituições religiosas. Os bispos eram eleitos pelo povo como outr'ora os flamines; (1) andavam de mitra e tiara como os padres orientaes e o seu baculo era apenas o *lituus* (2) dos áugures. Os *diaconos*, *subdiaconos*, *exorcistas*, *acolytos*, *leitores* e *porteiros* correspondiam perfeitamente ao pessoal dos templos romanos (*neócoros arúspices*, *sacrificadores*, *arautos*.)

As igrejas substituiram os templos e em muitos logares o mesmo edificio passou tranquillamente d'um culto para o outro. Como dizia Gregorio o Grande no fim do seculo VI, isso tinha a vantagem de não alterar os habitos do publico.

Utilisaram a propria decoração dos templos; (3) adoptaram-se muitas praticas pagãs; imitaram-se muitos ritos. Tertulliano, Lactancio, Gregorio de Nazianza qualificam de *pagão* o costume de accender velas nas igrejas em pleno dia; pagãos também são os trajos, as mitras, as tiaras, os ba-

(1) Antigos sacerdotes romanos de Jupiter, Marte e Romulo.

(2) Em portuguez *litio*, bastão, recurvado na extremidade superior e usado pelos áugures, que eram padres romanos encarregados de adivinhar. Uma especie de bruxos! O baculo dos bispos é precisamente o bastão dos áugures.

(3) Até os nomes das varias divisões das igrejas são os nomes das antigas divisões dos templos pagãos: *narthex*, *nef*, *gazophylacium*, *diaconicum*, *secretarium*.

culos, o altar, as flores, os mozaicos, as imagens e as estatuas. Sabe-se que muitas das estatuas actualmente muito veneradas são os antigos idolos pagãos: Jupiter tornou-se S. Pedro e muitos Isis mettamorphosearam-se em Virgens (por exemplo a Virgem negra de Chartres). Substituiram-se mesmo as festas antigas por outras: o *Natal*, os *Reis*, festas galhofeiras, continuaram as saturnaes (era no Natal que se celebrava ainda no seculo XIV a festa do burro ou a festa dos doídos); a *Circumcissão* substituiu a festa de Janus, nas calendas de Janeiro; a *Purificação* da Virgem não é outra coisa senão as antigas *Lupercaes*; a cerimonia das *Rogações* na primavera é a reprodução d'uma cerimonia pagã que tinha igualmente por fim a benção dos fructos da terra; as *Novenas* vieram substituir as *Novendiales* romanas; as *procissões* as *theodrias*, etc. (1) O culto dos santos tomou o lugar do culto dos deuses: S. Miguel recorda Mercurio, S. Hippolyto o Hippolyto grego, S. Roque Escolapio Santa Felicidade Juvenaes; e não falo d'esses santos apocryphos muito venerados em certas localidades e dos quaes o proprio nome indica a origem pagã: S. Pantí (Pan) S. Donat (Aidoneus) S. Pelino (Pelina).

Persistiram muitos costumes pagãos com a etiqueta christã: a lampada que arde em frente da Virgem casaria é um resto do velho culto dos Lares; no Jura e no Morvan ainda se punha ha pouco nas mãos d'um morto ou na cruz que ornava o leito funebre a moeda que Caron outr'ora esperava; as consoadas, as fogueiras do Natal e S. João, são outros tantos vestigios d'um paganismo inveterado.

Terminamos aqui as transcripções, porque seria um nunca acabar. Vinson cita ainda dezenas de factos para comprovar a copia do paganismo feita pelo christianismo. Mas basta o que ahí fica.

Fala Vinson, fala Letourneau, falam tantos outros em nosso logar? Porque é mais concludente e mais simples. Como nunca fomos plagiario, nunca apresentámos como original aquillo que tinha de ser necessariamente copiado. E apparecendo o que é dos outros com o nome dos outros, além de ficar salva a nossa probidade fica reforçada a nossa argumentação com a auctoridade scientifica dos nomes illustres a cuja sabedoria recorremos.

Mas não terminámos ainda. Continuaremos.

(1) A procissão de *Madonna de Arco* em Napoles, onde os fieis vão com a fronte ornada de folhagem, não é outra coisa senão a antiga festa de Bacchus e Ceres libera, como o faz notar o sr. Alfred Maury.

NOTA DO AUCTOR.

### Eleição do jury commercial

São convidados todos os individuos constantes da pauta do recenseamento dos commerciantes e affixada á porta do Tribunal Commercial, a reunirem-se no mesmo Tribunal no dia 25 do corrente mez pelas 11 horas da manhã, a fim de se proceder á eleição dos jurados que hão-de funcionar no proximo anno de 1900.

O Secretario do Tribunal do Commercio, José Libertador Ferraz d'Azevedo.

com um sorriso, tu não sabes que n'essa especie de divertimento as armas e o cavallo do vencido pertencem ao vencedor? Se eu fosse infeliz, não poderia restituir nem pagar o que tivesse perdido.

O judeu ficou um pouco assustado com essa possibilidade; mas recuperando coragem, replicou vivamente:—Não, não, não! Isso é impossivel. Não quero pensar n'isso. A benção de nosso Pae te protegerá; a tua lança será tão poderosa como a vara de Moyses.

Dizendo estas palavras, fez voltar a cabeça da sua mula, mas o peregrino, por seu turno, segurou-o pela aba do capote.—Não é só isso, Isaac, exclamou elle, tu não conheces todos os riscos. O cavallo pôde ser morto, a armadura danificada; porque eu não pouparei o cavallo nem a mim proprio. De mais,

## Cartas d'Algures

15 DE NOVEMBRO.

Affirma-se que o governo ordenou aos seus delegados que intimem a imprensa a não dizer mal da Inglaterra. Eu acredito, e até acho coerente. Se a imprensa já não pôde discutir o sr. José Luciano muito menos deve discutir a Inglaterra.

Francamente, a Inglaterra sempre vale mais do que o sr. José Luciano de Castro.

Mas a que nós chegámos!

Toda a imprensa europeia é hostil á Inglaterra. Pois só o governo portuguez se lembrou de prohibir essa hostilidade. E o motivo é obvio. O sr. José Luciano de Castro é o primeiro estadista europeu!

A hostilidade europeia chega á invectiva, á injuria. A Inglaterra é injuriada em varios periodicos das maiores nações do mundo, injurias que, por isto mesmo, doem. Essas grandes nações pesam; portanto, as suas injurias offendem. Nós não pesamos coisa nenhuma; a Inglaterra nem se lembra de nós. Mas tanto pôde a zumbia, que o governo do Terreiro do Paço não se teve que não fizesse uma nova contumelia aos *fieis aliados*.

Nem o governo francez, nem o governo allemão, nem o governo russo teve a singular idéa de prohibir os seus jornaes de discutir e censurar a Inglaterra. Comprehende-se que um governo não auctorise injurias de vulto a uma potencia estrangeira. Mas nem isto qualquer dos governos das grandes nações tem prohibido. A Inglaterra, a proposito da guerra d'Africa, tem sido injuriada vivamente pelos periodicos francezes, allemães, austriacos, russos, etc. N'esses paizes organisaram-se e organisam-se legiões de voluntarios para tomar parte na guerra a favor do Transvaal. E nenhum dos respectivos governos emprega meios para abafar a voz da imprensa, deter a propaganda e desviar a corrente. E a Inglaterra, se não gosta, cala-se, que não tem outro remedio.

Ora calando-se com as outras nações seria um ridiculo enorme para ella vir-nos pedir a nós satisfacções. Não as pediu; não as pediria. E' o sr. José Luciano que se quer dar ares.

Pois bem. Não diremos mal da Inglaterra, o que não impedirá os boers de continuarem a total-a fortemente.

A total-a fortemente será um termo offensivo?

Para que a prohibição do go-

tudo o que possuia. Comtudo posso dizer-te o que te falta e talvez arranjar-t'o: é um cavallo e uma armadura.

O pereregrino estremeceu e voltou-se vivamente para o judeu, dizendo:—Que demonio pode inspirar-te essa idéa?

—Que importa, disse o judeu sorrindo, se é uma verdade?—E se eu penetrei o teu desejo, posso também satisfazel-o.

—Mas, disse oromeiro, repara no meu caracter, no meu vestuario, no meu voto.

—Eu conheço os christãos, replicou o judeu, e sei que os mais nobres d'entre vós, n'um accesso de peitencia supersticiosa, pegam no bordão, calçam as sandalias, e vão a pé visitar os tumulos dos mortos.

—Não blasphemem, judeu, disse o peregrino novamente.

—Perdôa-me, disse o judeu, eu falei irreflectidamente. Mas vós pronunciastes a noite passada e esta manhã algumas palavras que, como a faisca sahindo dos seixos, mostram o metal de que procedem; e por baixo d'essa capa de peregrino escondem-se uma cadeia e esporas d'ouro, como usam os cavalleiros. Eu vi-as brilhar esta manhã quando vos inclinastes sobre a minha cama.

O peregrino não poude deixar de sorrir.—Se o teu fato fosse examinado por um olho tão curioso, que descobertas não faria, Isaac!

—Não falemos mais n'isso, disse o judeu mudando de côr; e puzendo pelos materiaes de escripta que trazia consigo, como para pôr termo á conversação, começou a es-

crever sobre um rolo de papel, que estendeu sobre o alto do seu barrete amarello, sem se aprear da sua mula. Depois de acabar, entregou a folha, que era escripta em hebreu, ao peregrino, dizendo:—Na cidade de Leicester toda a gente conhece o rico judeu Kirjath Jairam da Lombardia. Entrega-lhe este rolo. Elle tem á venda seis armaduras de Milão a peor das quaes faria honra a uma cabeça coroada, e dez soberbos corceis dos quaes o menos bello seria digno de um rei que fosse batalhar em defesa do seu throno. Elle deixaria escolher á vontade e fornecerte-ha também tudo o mais que te fôr preciso para o torneio. Depois d'este, restituir-lhe-has tudo fielmente, a não ser que queiras pagar o seu valor ao proprietario.

—Mas, Isaac, disse o peregrino

a gente da tua casta não dá nada e eu tenho de pagar alguma coisa pelo aluguer.

O judeu contorceu-se sobre a sella como um homem afflicto com um ataque de colica; mas os seus bons sentimentos predominaram sobre os que lhe eram mais familiares.

—Não tem duvida, disse elle, não tem duvida, deixa-me partir. Em caso de prejuizo não pagarás nada; e em caso de perda Kirjath Jairam perdoar-te-ha em attenção ao seu parente Isaac. Adens!—Mas ouve, bom manco, accrescentou elle voltando-se: não te arriques muito n'essa baralha louca... Eu digo isto, não para que poupes o cavallo e a armadura, mas para interresse da tua vida e do teu corpo.

—Muito obrigado pelo aviso! disse oromeiro, sorrindo de novo;



verno se tornasse eficaz era indispensavel que o governo publicasse um dictionario de termos.

Se o famoso sr. José Luciano nos dissesse que era só permittido tratar a Inglaterra por senhora e, quando muito, acrescetar, a senhora *Inglaterra, nossa prezada amiga, foi infelizmente vencida pelos brutos dos boers*, já nós sabiamos ás *quantas andavamos*. Se, ao menos, nos avisasse de que podiamos dizer que a Inglaterra levou pancada, sendo só prohibido dizer *porrada*, tambem já tinhamos um principio para nos guiar. O mais que podiamos fazer, n'este caso, era pedir um esclarecimento e perguntar se *porrada* tambem era termo opposto aos tratados de commercio, amizade e alliança entre Portugal e Inglaterra. Não deve ser. *Porrada*, sim. Desde que os carapitalinhos a levam em familia concordamos que não seja palavra a empregar em diplomacia.

Mas vamos lá. Tarefa é um termo razoavel. Este deve ser permittido. E, então, fique o sr. José Luciano sabendo que a Inglaterra levou, leva e levará ainda fortes tarefas dos boers, com grande pesar de quem escreve estas linhas mas com grande alegria da immensa maioria da nação portugueza. Isto não é dizer mal da Inglaterra. A Inglaterra é uma grande nação, muito nossa amiga, muito merecedora das maiores felicidades e venturas. Mas ha muita coisa grande e amiga que apanha tarefas. Isso não quer dizer nada contra a grandeza e amizade. A Inglaterra é grande e o Transvaal é pequeno. Mas são coisas. A Inglaterra apanha para seu tabaco e o Transvaal não.

Então o João dos Carrapitos — não é uma comparação agora, é um parenthesis — não é grande como todos os diabos e não fica reduzido a zero quando a corneta apparece tocando aquellas notas que terminam em *lá*?

O sr. José Luciano, que é o primeiro estadista da Europa, ou pelo menos o segundo, sympathisa com a Inglaterra e nós, que somos bem pequenino, tambem. Mas o povo portuguez não tem eguaes sympathias e parece que está no seu direito. N'isto não ha offensa. Não é verdade?

Assentemos, pois, n'este ponto: a Inglaterra levou, leva e levará. O sr. José Luciano fica muito triste com isso e faz bem. Mas o povinho fica todo contente e faz bem tambem.

O seu Zé Luciano, se é prohibido escrever isto, mande dizer á gente!  
A. B.

**Nova estação telegrapho-postal**

Por influencia do sr. Francisco de Castro Mattoso, vae ser creada na Costa de Vallade, uma estação telegrapho-postal.

Achando-se escolhido o edificio para a nova repartição, perto da pharmacia Costa, vão começar breve os trabalhos na linha telegraphica, que soffre uma alteração, para a qual são necessarios cento e tantos postes.

**O patriotismo das mulheres boers. — Sublime coragem das mães**

De uma carta escripta de Pretória, quando os boers tratavam de mobilisar as suas forças, extrahiu um diario de Lisboa o seguinte:

«Este amor pelo solo natal é inaudito e commovedor. No districto de Krugersdorp, foram chamados 400 homens e appareceram 670! Não houve meio de mandar embora os 270 que havia a mais. Recusaram-se a regressar a suas terras. Em Maritzburg, houve 150 chamadas. Apresentaram-se 800!

«Todos partem, do primeiro ao ultimo, do mais pobre ao mais rico. Cheios de ardor, de confiança em Deus, estão persuadidos de que Deus os ajudará.

«As mulheres não ficam atraz dos maridos. Chega, no momento de partir, uma mulher com duas creanças pela mão, carregada de provisões. Vae acompanhar o marido á *gare*. Mas avistando o commandante, diz-lhe, cheia de alegria:

«—Commandante, parto com meu marido.

«—Não é possível! diz-lhe este.

«—Mas se eu quero! volve ella. Nunca abandonarei o meu homem. Pegarei n'uma espingarda e farei a cosinha.

«O comboio parte, levando a corajosa esposa. Diante do que a mulher quer, é preciso que o boer se incline.

«Um outro dirige-se a casa de «feldkomet» (commandante local das tropas), para receber a sua espingarda. Pede duas.

«—Para quê? pergunta o capitão.

«—E' uma para mim e outra para minha mulher. Ella ainda tem melhor pontaria do que eu!

«E o boer volta para casa com as duas espingardas.

«Que admiravel serenidade a das mulheres e a das raparigas boers! Nem uma lagrima, nem um soluço. Um abraço, um aperto de mão e nada mais. E o comboio punha-se em marcha, levando paes, maridos, irmãos, noivos, para sempre talvez!»

**«NAZARETH»**

Saui antes de hontem do nosso porto, o palhabote d'este nome, construido no estaleiro do nosso contrerraneo José Maria Monica.

Viaja pela primeira vez. Vae, pois, iniciar-se no temeroso baptismo dos mares. E' um dos mais bellos exemplares de construcção naval, que tem saído do estaleiro da Gafanha.

Que as auras da fortuna bafagem o elegante *Nazareth*.

**Os parasitas do nosso sangue**

Todas as partes do nosso corpo podem ser invadidas por parasitas que se alimentam á nossa custa. Este facto é conhecido de toda a gente. Suppõe-se, porém, geralmente, que o nosso sangue está ao abrigo dos ataques de taes parasitas. E' um erro que convém dissipar. Assim, no Egypto, é frequente vér individuos atacados por uma doença, a *bilharziose*, que é precisamente causada por um verme do sangue. De resto, este verme é dos mais engraçados e, á primeira vista, incomprehensivel: o macho, que mede 12 millímetros de comprimento, é uma larva recurvada e dobrada sobre si mesmo em forma de gotteira; está alojada n'ella a femea, que affecta a forma de um verme redondo. Macho e femea permanecem d'este modo intimamente unidos durante toda a vida, vivendo em boa harmonia. Estes *Bilharzies*—é este o nome que se lhes dá—desenvolvem-se, sobretudo, nas veias proximas do figado e comprehende-se que, quando atinjam um numero consideravel, se tornem incommodos, não sómente pela sua presença, mas ainda pela quantidade de globulos sanguineos que devoram.

E' tambem curiosissima a *Filária do sangue do homem*, que produz a doença da *Elephantiasis dos Arabes*, tão frequente nos paizes quentes. E' um vermesinho de 8 a 15 centímetros de comprimento e delgado como um fio, que se torce em todos os sentidos e nada no sangue como o peixe na agua. Coisa curiosa, só se encontram no sangue de noite: durante o dia não se lhe nota o menor vestigio da sua existencia, porque se refugiam no aparelho lymphatico. Estes vermes põem ovos de que nascem quasi immediatamente embryões. Estes, para poderem desenvolver-se, têm necessidade—quem teria imaginado tal?—de passar para o corpo d'um mosquito, onde entram com o sangue que o insecto absorve. Mais tarde, quando o mosquito vae morrer á superficie da agua, o verme acaba o seu desenvolvimento; e, finalmente, torna a penetrar no corpo do homem quando este bebe da agua que contem os embryões.

Mas o mais terrivel dos parasitas do nosso sangue é certamente o *Hematozoário do paludismo*. Este pequeno organismo, difficilimo de vér, aloja-se nos proprios globulos do sangue; devora-os a pouco e pouco, cresce, e

depois dá sporos que por sua vez vão atacar outros globulos. E' este hematozoário que produz o paludismo, essa doença tão mortifera nos paizes quentes e mesmo entre nós, nas regiões pantanosas.

**O COMETA BIÉLA**

Dizem-nos de Sangalhos que o cometa Biéla foi visto passar na madrugada de 14 por uns individuos que vinham de levar um defuncto para o cemiterio d'aquella villa.

O cometa ia n'uma carreira vertiginosa e a dar credito aos calculos d'um cantoneiro de obras publicas que presenciou o phenomeno, a distancia que o separava da terra era de

9 000 000 000 000 000 000

(nove quintilhões) de leguas geographicas. Ora tendo cada uma d'estas leguas 4.444 metros, imagine quem puder a enormidade da distancia.

Mais se diz que o homem fez o calculo com o auxilio d'uma fita metrica. Prodigioso mathematico!

Mas o que mais nos interessa é que o cometa passou indifferente ao nosso globo, o que não impediu os homensinhos de apanharem o seu susto.

Um d'elles perdeu a falla e só se fez comprehender por gestos, desconfiando-se que enlouqueceu.  
Safa!

**ENGOMADEIRAS**

INCUMBEM-SE de engomar todos os artigos proprios, com brilho ou sem elle, empregando a gomma especial SAEZ. Garantem a perfeição.

Rua do Gravito

(Casa immediata á da TANOEIRA)

**O fim do mundo**

A prophesia do sabio allemão Falb, annunciando o fim do mundo para o dia 13, produziu grande panico na Russia. Em algumas povoações os camponezes negaram-se a pagar as contribuições.

Em Livorno sentiu-se um violento terramoto. Os habitantes da cidade, espavoridos, abandonaram as casas. Os navios ancorados no porto soffreram grandes avarias.

O povo conservou-se durante o dia e durante a noite alarmadissimo, porque ligou esse phenomeno com a sinistra previsão de Falb sobre o fim do mundo.

A proposito do annnciado fim do mundo, diz a *Vanguarda*:

«Contaram-nos hontem que em *Manteigas*, terra beata, de joelhos aos pés da Serra da Estrella, apparecera ha dias um velho, que sollicitou licença para dizer missa. E' claro—licença do parochio d'uma freguezia.

Uma carta que foi recebida em Lisboa, dirigida a uma rapariga ignorante, conta que ali nunca se disse

missa com tanta piedade religiosa! Ao findar o sacrificio o beato velho annunciou aos fieis que alli estava por ordem da Virgem, para annunciarem o fim do muddo.

Ora bem, isto passou-se em *Manteigas*, uma aldeia selvagem, aos pés da serra... Pois, então, passe.

O que não pôde passar é o que tambem hontem nos disseram: que um reverendo padre, na egreja ali adeante, ali, no centro da cidade, á missa do dia, exhortou os fieis a que se resignassem, porque o mundo ia acabar!

E aqui está como se approximam *Manteigas e Lisboa!*

*Manteigas* tem a seu favor não ter policia, e Lisboa contra si... ter policia de *Manteigas*.

Uma ingleza, feia e muito estúpida, vendo que todas as raparigas se casavam menos ella, foi um dia perguntar ao padre o que era preciso para isso. O padre, suppondo que ella se referia aos seus honorarios, respondeu-lhe que era necessario pagar cinco *schillings*.

Passado algum tempo apresenta-se-lhe antes da missa a rapariga toda janota e risonha. Perguntando-lhe elle o que queria, ella respondeu:

— Venho para me casar. Aqui está o dinheiro.

— E o noivo?

— O noivo! Então nos cinco *schillings* não entra noivo e tudo?

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

**ANNUNCIOS**

Sindicato Agricola

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

**AVISO**

Em obediencia ao disposto no artigo 28.º dos Estatutos que regem esta collectividade, são convidados os snrs. Socios Ordinarios a reunirem em assembleia geral no dia 26 do corrente, a fim de lhes ser presente o relatório e contas da Direcção e deliberarem sobre qualquer assumpto de interesse para a associação.

A reunião da assembleia geral terá lugar n'esta cidade, nos salões do Gymnasio Aveirense, pelas 12 horas da manhã.

No caso da assembleia não poder funcionar n'este dia por falta de numero de socios, fica desde já convocada para o domingo seguinte, 3 de dezembro, á mesma hora e no mesmo local, podendo então funcionar com qualquer numero de socios presentes.

Aveiro, 15 de novembro de 1899.

O Presidente da assembleia geral,  
Gustavo Ferreira Pinto Basto.

eu usarei francamente da tua cortezia e serei muito infeliz se não puder recompensar-te.

E partiram ambos por caminhos differentes para a cidade de Sheffield.

VI

Os cavalleiros, brilhantemente vestidos e seguidos de um numero sequito de escudeiros, marcham em grande apparato. Um prende o elmo, outro segura a lança e um terceiro a armadura reluzente. O coreel escarva o chão com impaciencia, e morde o freio dourado, cobrindo-o de espuma e resfolegando. Cavalgum palafrens os ferreiros e os armeiros com limas nas mãos e martellos ao lado, pregos para as lanças partidas e correias para guarnecer os escudos. Os archeiros guardam as ruas em grupos decorativos e os camponezes, de cajados na mão, apinham-se para presenciarem o espectáculo.

PALMÃO E ARSITE.

A situação da nação ingleza era n'esse tempo sufficientemente miseravel. O rei Ricardo estava ausente, prisioneiro e á mercê do perfido e cruel duque d'Austria. Era até incerto o verdadeiro logar do seu captiveiro e o seu destino só era imperfeitamente conhecido da generalidade dos seus subditos, que, no entretanto, estavam sujeitos a toda a especie de oppressões subalternas.

O principe João, ligado com Philippe de França, inimigo mortal de Coração-de-Leão, servia-se de toda a especie de influencias junto do duque d'Austria para prolongar o captiveiro de seu irmão Ricardo, a quem devia muitos favores. Ao mesmo tempo, ia fortalecendo o seu proprio partido no reino, dispondo-se a disputar a successão, no caso de morrer o rei, ao

seu legitimo herdeiro, Arthur, duque de Bretanha, filho de Godofredo Plantagenet, seu irmão mais velho. Esta usurpação, como é bem sabido, effectnou-a elle mais tarde. De caracter leve, licencioso e perfido, attrahiu facilmente a si e á sua facção, não só todos aquelles que tinham razão para recerarem o resentimento de Ricardo pelo seu criminoso procedimento durante a ausencia d'elle, mas tambem as numerosas classes de homens decididos a tudo, que tinham voltado das cruzadas com os vicios do Oriente, pobres e de coração endurecido, e que punham as suas esperanças de colheita nas discórdias civis.

A essas causas de mal-estar geral e de inquietação é necessario accrescentar a multidão de *outlaws*, que, reduzidos ao desespero pela

oppressão dos nobres feudaes e pela rigorosa observancia das leis das florestas, se tinham juntado em numerosos bandos, e tendo-se apossado das florestas e dos baldios, desafiavam a justiça e as leis do paiz. Os nobres mesmo, cada um fortificado no seu castello, e jogando aos presentinhos nos seus dominios, eram chefes de bandos não menos desenfreados e oppressores do que os salteadores confessos. Para manterem esses partidarios e sustentarem a extravagancia e magnificencia que o seu orgulho os levava a ostentar, os nobres pediam dinheiro emprestado aos judeus, com um juro muito usurario, que lhes devorava os bens como um cancro roedor, que raras vezes curavam, salvo quando as circumstancias lhes davam ensejo de se libertarem dos seus credores

por meio d'algun acto immoral de violencia.

Sob o peso dos varios fardos impostos por este desgraçado estado de coisas, o povo de Inglaterra soffria muito no presente e tinha razões de mais para recerar pelo futuro. Para cumulo de miseria, espalhou-se pelo paiz uma doença contagiosa de caracter grave; e, augmentando de virulencia pela falta d'asseio, pela má alimentação e alojamento insalubre das classes mais baixas, arrebatou muita gente e os sobreviventes sentiram tentações de invejar a sua sorte, que os isentava dos males por que iam passar.

(Continúa.)



ARMAZENS

DA

**BEIRA-MAR**

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDEAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Único deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importância.

**FABRICA A VAPOR**

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

**Manuel Homem de C. Christo**

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

**AVEIRO**

**BARRA — PHAROL**

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambaia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal **biscoito d'Aveiro**,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA:**—o genuino vinho de meza, limpidio, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

**BOM EMPREGO DE CAPITAL**

**QUEM** pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

**ROLÃO PALMA**

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Fraça do Peixe — **AVEIRO**

**OFFICINA DE CALÇADO**

DE

**João Pedro Ferreira**

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

**NESTA** antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

**Hotel Cysne**  
**Boa-Vista**

**AVEIRO**

Recommenda-se pelo  
acido e seriedade  
com que se  
trata

Excellente serviço  
de meza

**ATELIER DE ALFAETERIA**

DE

**Joaquim Ferreira Martins**  
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira — **AVEIRO**

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a época dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

DE

**Manuel Rodrigues da Graça**

R. DA ALFANDEGA

**NESTE** estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

**Vinho de Bucellas**

**VENDE-SE** a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

**José Gonçalves Gamellas**

Praça do Peixe — **AVEIRO**

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

**AO COMMERCIO E AO PUBLICO**

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello **Champagne**.

Ha tambem vinhos de outros arizans do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**SAPATARIA AVIRENS E**

DE

**Marques d'Almeida & Irmão**

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

**José Gonçalves Gamellas**

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

**Vinho de Collares**— Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende de cada garrafa a 120 réis.

**TRENS DE ALUGUER**

**FERNANDO HOMEM CHRISTO**

Rua da Alfandega

**TYPOGRAPHIA**

DO

**POVO DE AVEIRO**

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc. etc.

RUA DE S. MARTINHO

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

RUA DO CAES

**AVEIRO**